

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-graduação em História da Cultura e da Arte

Glenda Aparecida Martins

**CHARLES BAUDELAIRE: uma concepção do belo observada em uma
sequência de obras de Eugène Delacroix.**

Belo Horizonte

2023

Glenda Aparecida Martins

**CHARLES BAUDELAIRE: uma concepção do belo observada em uma
sequência de obras de Eugène Delacroix.**

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em. História da Cultura e da Arte.

Orientador: Prof. Dr. Magno Mello.

Belo Horizonte

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

901 M385c 2009	<p>Martins, Glenda Aparecida</p> <p>Charles Baudelaire uma concepção do belo observado em uma sequência de obras de Eugène Delacroix . [recurso eletrônico] / Glenda Aparecida Martins. - 2009.</p> <p>1 recurso online (24 f. : il.) : pdf</p> <p>Orientador: Magno Moraes Mello .</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em História da Cultura e da Arte - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Baudelaire, Charles, 1821-1867. 2. Delacroix, Eugene, 1798-1863. 3. Arte - Filosofia . I. Mello, Magno Moraes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	---

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**" CHARLES CHARLES BAUDELAIRE UMA CONCEPÇÃO DO BELO
OBSERVADO EM UMA SEQUÊNCIA DE OBRAS DE EUGÈNE DELACROIX."**

Glenda Aparecida Martins

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Prof. Dr. Magno Moraes Mello - Orientador
UFMG

Prof. Dr. Eduardo França Paiva
UFMG

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Sala: 4134 Telefone: (031) 3409-5045
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Adriana Romeiro
UFMG

Belo Horizonte, 11 de Abril de 2023.

AV. ANTÔNIO CARLOS, 6.627 - PAMPULHA
31270.901 - BELO HORIZONTE - MG
e-mail: proh@fafich.ufmg.br
FONE: (31) 3409-5068 FAX: (31) 3409-5044

DEDICATÓRIA

À Maria do Rosário.

AGRADECIMENTOS

A Dr. Magno Mello agradeço a orientação e por todos os ensinamentos que contribuíram para meu crescimento acadêmico. Agradeço também aos professores do curso que acrescentaram discussões e modos de ver a cultura e arte como expressividade da alma humana. Agradeço especialmente à minha mãe pelo apoio incondicional e aos amigos.

EPÍGRAFE

“Uma grande paixão sustentada por um desejo formidável, esse era Delacroix. A seus olhos a imaginação era o dom mais precioso, e a faculdade mais importante (Charles, Baudelaire.1994).

RESUMO

CHARLES BAUDELAIRE UMA CONCEPÇÃO DO BELO OBSERVADA EM UMA SEQUÊNCIA DE OBRAS DE EUGÈNE DELACROIX.

Estudo sobre uma visão estética do romantismo. Articula-se o conceito de belo cunhado pelo poeta e crítico de arte Charles Baudelaire a uma sequência de cinco telas do colorista Eugène Delacroix. Foi feita uma comparação entre as características consideradas importantes para o entendimento do belo tanto no conceitual quanto no artístico.

Palavras-chave: BELO, ROMANTISMO, CHARLES BAUDELAIRE, EUGÈNE DELACROIX, ARTE ROMÂNTICA.

ABSTRACT

CHARLES BAUDELAIRE A BEAUTIFUL DESIGN OBSERVED IN A SEQUENCE OF WORKS EUGÈNE DELACROIX.

study on an aesthetic vision of romanticism. Articulates the concept of beauty coined by poet and art critic Charles Baudelaire to a sequence of five screens colorist Eugène Delacroix. A comparison was made between the characteristics considered important to the understanding of beauty both in art and in the conceptual.

Key-words: BELO, ROMANTICISM, CHARLES BAUDELAIRE, EUGÈNE DELACROIX, ROMANTIC ART.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Órfã no cemitério (1824)	14
Figura 2 - A agitação em tanger (1834)	17
Figura 3 - A liberdade guiando o povo (1833)	18
Figura 4 - A morte de Sardanápulos (1828)	19
Figura 5 - O Mar visto da altura do Dieppe (1854)	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. VIDA E OBRA DE BAUDELAIRE	10
2.1 Baudelaire e as artes plásticas	11
3. O CONCEITO DE BELO	12
3.1 O belo na obra Órfã no cemitério (1824)	14
3.2 O belo na obra A agitação em tanger (1834)	16
3.3 O belo na obra A liberdade guiando o povo (1833)	17
3.4 O belo na obra A morte de Sardanápulos (1828)	19
3.5 O belo na obra O Mar visto da altura do Dieppe (1854)	21
4. CONCLUSÕES	22
REFERÊNCIAS	23

1. INTRODUÇÃO

O presente texto consiste em uma apreciação sobre a concepção de Belo definida por Charles Baudelaire com o objetivo de percebê-la na arte romântica, representada aqui, por Eugène Delacroix. O romantismo foi tomado como referencial, para ilustrar o conceito teórico do termo Belo, pois para Charles Baudelaire esse movimento teve a maior expressão e forma para traduzir o seu entendimento sobre o termo Belo, e essa visão encontrou representação no colorista Eugène Delacroix.

O período que contextualiza esse recorte se aplica aos anos de 1824 a 1854 que marcaram as feitura das telas analisadas. Necessário saber que a sequência de telas não foi analisada cronologicamente.

A concepção do termo belo passou por diversas mudanças desde a antiguidade carregando consigo divergências inerente a sua formulação, como afirma Charles Baudelaire:

O belo é constituído por um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é excessivamente difícil determinar, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos, sucessiva ou combinadamente, a época, a moda, a moral, a paixão. Sem esse segundo elemento, que é como o invólucro aprazível, palpitante, aperitivo do divino manjar, o primeiro elemento seria indigerível, inapreciável, não adaptado e não apropriado à natureza humana. (BAUDELAIRE, 1996, P.10)

As discussões sob tal conceito no domínio da estética alimentam as formulações da crítica e da história da arte. Nesse âmbito, cabe ressaltar algumas notificações sobre a vida de Charles Baudelaire, com intuito de demonstrar o aflorar de sua acepção do belo.

2. VIDA E OBRA DE BAUDELAIRE

Charles-Pierre Baudelaire nasceu em Paris, no dia nove de abril de 1821, filho de François Charles Baudelaire e Carolina Archimbaut-Dufays, teve vida atribulada, marcada por confusões com o padrasto e hábitos desmedidos, destacou-se como poeta através da irretorquível obra poética *As flores do mal*.

Charles Baudelaire marcou com seu estilo poético as últimas décadas do século XIX, prestigiado no âmbito da poesia, por aqueles de tendência simbolista. Originaram-se na França os poetas "malditos" influenciados pelo "espírito da imaginação criadora"¹ uma nova perspectiva desenvolvida pelo poeta muito embora o poeta tenha se relacionado com diversas escolas artísticas.

Como tradutor se dedicou à obra de Edgar Allan Poe, constam cinco volumes traduzidos entre 1856 e 1865, tal autor ofereceu subsídios a Charles Baudelaire para a fundamentação das diretrizes básicas de sua poética e de sua visão estética "A estética do artista é uma constante na história estética influenciada por Coleridge da *Biographia Literária* (1815- 1817), pode ser estudada tanto na prosa estética quanto na prosa poética e nos poemas ao longo de sua vida". (MODERNO, 1993, p.5)

2.1 Baudelaire e as artes plásticas

No campo das artes plásticas seus ensaios sobre teoria de arte foram de notável relevância, fazendo a mediação da estética romântica para a estética contemporânea, sendo suas principais obras neste campo: *Os salões* (1845, 1846 e 1859), *os paraísos artificiais, ópio e haxixe* (1860), *O Richard Wagner e Tannhäuser* (1861), *Escritos sobre Eugène Delacroix* (1863), *A arte romântica* (1868), *Curiosidades estéticas* (1868), *O princípio poético* (1876), *Meu coração posto a nu* e *Sobre a modernidade*.

Obras estas que buscavam um diálogo com a modernidade sem desprezar o ideal romântico, o que demonstra a preocupação do autor em buscar uma razão determinante para a obra de arte. e, embasam seu ideário estético coerente, embora fragmentado e flexível a novas ideias.

As características marcantes de seus textos e que explicam a preponderância de seus escritos sobre arte podem ser melhor entendidas devida à convivência que Charles Baudelaire partilhava com muito dos artistas de sua época, e, também a dedicação às análises críticas e suas amplas reflexões acerca da modernidade. Tais relações são vislumbradas através da contextualização da crítica de arte no século XIX.

¹ Charles Baudelaire entende por imaginação criadora o descompromisso com a verdade (tempo real), ou seja, a apreciação pelo belo e pelo intrínseco do artista exposto na arte.

A expansão das exposições de arte no citado século é responsável pela ampliação do campo de atuação dos críticos e pelo alargamento daqueles que se dedicavam a tais análises.

Os artistas muniam-se de penas para demarcar seus pensamentos, por exemplo, o colorista Eugène Delacroix (1798-1863) e suas considerações sobre o romântico e o pintor anarquista Gustave Courbet (1819-1877), responsável pela afirmação de um padrão da arte realista. Os literatos como Stendhal (1783-1842), os irmãos Edmond Goncourt (1822-1896) e Jules Goncourt (1830-1870) e Émile Zola (1840-1902).

Nesse contexto, a crítica de Charles Baudelaire (1821-1867), em particular seu célebre ensaio O Pintor da Vida Moderna, sobre Constantin Guys (1805-1892), mostra-se fundamental para a definição de arte moderna e da própria concepção do termo de modernidade. “A modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”. (BAUDELAIRE, 1996, p.24)

Charles Baudelaire deixou um amplo legado em muitos âmbitos, fornecendo aos seus pósteros subsídios para análise de sua nova visão criadora visão essa que perpassa a poética e a crítica de arte. O poeta preocupava-se com a questão estética, posicionando-se fortemente contra a teoria do belo absoluto e único, propondo-se a traçar uma teoria “racional” e “histórica” do belo; assim se torna clara a ideia de que o padrão de beleza, ou gosto por alguma beleza, é algo individual.

3. O CONCEITO DE BELO

O conceito de belo que trataremos foi construído por Charles Pierre Baudelaire e fundamentado de acordo com seu pensar estético-romântico, nesse sentido, tentaremos percebê-lo através de uma série de pinturas do colorista Eugène Delacroix. Uma vez que a arte é essencialmente expressão.

Encontrei a definição do belo, do meu belo. É algo ardente e triste, algo um tanto vago, deixando espaço para conjectura. Vou, se me permitem, aplicar minhas ideias a um objeto sensível, por exemplo, ao objeto mais interessante na sociedade, um rosto de mulher. Uma cabeça fascinante e bela, uma cabeça de mulher, quero dizer, é uma cabeça que faz pensar ao mesmo tempo, mas de maneira confusa, em volúpia e em tristeza; que comporta uma ideia de melancolia, de lassidão, até mesmo de saciedade, mas também uma ideia contrária, quer dizer, um ardor, um desejo de viver, associado a uma amargura refluente, como vinda da privação ou de desespero. O mistério, o pesar são também traços do belo.

Uma bela cabeça de homem não precisa comportar, aos olhos de um homem, bem entendido, embora talvez, aos olhos de uma mulher, essa ideia de volúpia que, num rosto de mulher, é, geralmente, uma provocação tanto mais fascinante quanto mais melancólico for o rosto. Mas essa cabeça conterà também algo de ardente e triste, necessidades espirituais, ambições sombriamente recalcadas, a ideia de um poder retumbante e despropositado, por vezes a ideia de uma insensibilidade vingativa (pois, nesta matéria, o tipo ideal do dândi não é algo que se possa deixar de lado); por vezes ainda, é este um dos traços mais interessantes da beleza, o mistério e, enfim (para que eu ouse confessar até que ponto me sinto moderno em questões estéticas), a Desgraça. Não quero afirmar que a Alegria não possa estar associada à Beleza, mas digo que Alegria é um dos ornamentos mais vulgares, enquanto a Melancolia é, por assim dizer sua ilustre companheira, a tal ponto que me é difícil conceber (seria meu cérebro um espelho enfeitiçado?) um tipo de Beleza que não haja Desgraça. Apoiados em outros diriam: obcecado por – tais ideias, concebe-se que me seria difícil não concluir, à maneira de Milton² que o tipo mais perfeito de Beleza viril é satã. (BAUDELAIRE, 2009, p. 24-25)

Esse rojão, inserido no livro *Meu Coração Desnudado* (BAUDELAIRE, 2009), é responsável pela análise que perpassa este estudo. Uma vez que, a partir dessa definição foi extraído o diálogo entre a aplicação do conceito de belo na literatura e nas artes plásticas.

Foi através dessa leitura que surgiu a possibilidade de entendimento que o conceito de belo cunhado por Baudelaire pode ser percebido em uma série de obras realizadas pelo pintor Eugène Delacroix assim, recrio o conceito literário a partir de fragmentos interpretativos das obras em uma sequência de telas. Este rojão também deu subsídio para a seleção dos temas retratados nas telas selecionadas. Sendo a primeira delas, *Órfã no cemitério* (1824). Pois, esta tela converge toda a definição do belo acima exposto. Com a sutilidade, melancolia, dúvida e drama que arte romântica carrega em sua criação.

² John Milton, 1602.

3.1 O belo na obra Órfã no cemitério (1824)

Desta forma, a definição concebida por Charles Baudelaire remete ao espírito romântico, que é tão bem retrato por Delacroix, a Órfã nos traduz grande parte deste pensamento, ao demonstrar sensualidade impactante ao mesmo tempo em que os olhos traduzem desgosto, desamor, desilusão síntese desta conjectura que expressa o Belo para Charles Baudelaire, misto de verdade e ilusão de carne e espírito.

Figura 1: Órfã no cemitério (1824)³



³ Órfã no cemitério, 1824 óleo sobre tela, 65 x 54 cm. Museu do Louvre. A modelo é uma pobre mendicante. Uma personagem que parece ter saído das páginas de Victor Hugo e que justifica as palavras de Charles Baudelaire: Um terrível hino composto de fatalidade e da dor irreparável.

Se somente a contemplação da tela permite que esta relação seja feita, quando se foca a legenda a realização perpetrada por Delacroix traduz perfeitamente a ideia discutida por Charles Baudelaire. Um emaranhado entre o imanente (o físico) e o transcendente (o limite_ o espírito), pois o fato da modelo ser uma pedinte revela uma vivência miserável e cinza que lhe é inserida na melancolia de seus olhos, entretanto o pintor lhe confere beleza, uma beleza desconcertante que causa confusão entre a perfeição estética da órfã e os olhos dizendo o que?

A análise pede uma definição sobre Arte Romântica, qual será tomada como base à acepção do próprio Charles Baudelaire publicada nos textos críticos dos Salões de 1846 "Para mim o romantismo é a expressão mais recente, mais atual do belo (...) quem diz Romantismo diz arte moderna, isto é, intimismo, cor, ânsia do infinito, expressos por todos os meios ao alcance das artes". (BAUDELAIRE, 1995, p. 675)

Nas breves, contudo sólidas páginas do Salão de 1846 em que Charles Baudelaire se dedica à caracterização da arte romântica. Existe uma exaltação da paixão além da técnica utilizada pelos coloristas, além da influência literária, além da utilização da cor ou ainda os traços dos desenhos, uma paixão latente que conduz estes artistas a expressão mais pura da alma por meio da imaginação. Assim, a mais ilustre referência tratando-se de arte romântica para Charles Baudelaire se traduz em um pintor colorista chamado Eugène Delacroix.

O que é então esse não-sei-quê de misterioso que, para a glória do nosso século, Delacroix soube traduzir melhor do que qualquer outro? É o invisível, o impalpável, o sonho, o nervosismo, a alma: ele conseguiu-o, note-se, apenas por meio e contornos e da cor; fê-lo melhor do que ninguém fê-lo com a perfeição de um pintor consumado, com o rigor de um literato sutil e com a eloquência de um músico apaixonado. (BAUDELAIRE, 1993, p.191)

Assim, as questões estéticas que Charles Baudelaire apreende por arte romântica se coloca bem demarcado para que seja possível enveredar por tal caminho. A Europa das últimas décadas do século XVIII e ao longo do século XIX foi cenário para as ideias que propagavam uma nova visão de mundo. E estas se inspiravam no espírito divino e na imaginação humana, ansiavam por subjetividade e individualidade e buscavam a comunhão entre o divino e a natureza. Tais ideias era a fundamentação do movimento romântico. Tanto nas esferas literárias quanto plásticas.

A arte romântica se posiciona diferentemente em grande parte dos aspectos, o uso da cor passa a ser mais intenso, iluminado, simples, abundante, profunda e pungente. Em Delacroix existe a descoberta da sobreposição de tons o que leva a uma composição cromática, há preocupação na escolha dos temas trabalhados, que imbuídos de imaginação, tocado pela realidade e influenciados pela literatura caracteriza uma expressividade total do eu artístico.

Ainda, tratando-se de diferenças, a maneira como os desenhos são abordados, pois a forma tradicional sugere uma linha dura, imóvel, cruel e despótica e Delacroix rompe com tais normatividades instaurando desenhos que se preocupam em traduzir a expressividade da natureza através de curvas e contornos, de movimento e complexidade ao mesmo tempo em que se preocupa em imprimir a harmonia total entre cor e desenho na tela. Como podemos observar no quadro abaixo:

3.2 O belo na obra A agitação em tanger (1834)

No quadro A agitação em Tanger, todas estas características podem ser desveladas, como o intenso movimento das pessoas, das roupas bandeiras e até mesmo das nuvens revela esta transposição da realidade e da ruptura com a linha reta, o uso da cor sendo salpicada por luz intensa e a sobreposição de tons que revela uma nova harmonia para o conjunto e pôr fim a expressividade dos semblantes que traduzem certo tom angustiante e triste a figura.

Figura 2: A agitação em tanger (1834)⁴



3.3 O belo na obra A liberdade guiando o povo (1833)

Entretanto, este quadro, não ilustraria tão claramente a subjetividade do artista, as suas influências com os meios quais frequentava, ou mesmo o que pensava, Eugène Delacroix era misto de aristocrata que se preocupava e até mesmo se posicionava em favor da plebe, assim, Charles Baudelaire o definia:

Eugène Delacroix era uma curiosa mistura de cepticismo, delicadeza, dandismo, vontade apaixonada, argúcia e despotismo, e, por fim, de uma espécie singular de bondade e de ternura comedida, que acompanham sempre o gênio. (...) céptico e aristocrático (...) (Baudelaire ,1993, p.202).

Em seus diários, Delacroix relatou sua opção política em favor dos pobres, assumiu a covardia de não poder lutar junto a eles, mas, optou em dar voz ao povo. A liberdade Guiando o Povo (1833) expressa o quanto o colorista era imbuído deste espírito, traduz sua opção pelos desfavorecidos ao mesmo tempo em que lhes imprime sobre forma de tal liberdade.

⁴ Óleo sobre tela, 98 x 131 cm. Nova York, Coleção Jérôme Hill. O trabalho é resultante da viagem de Delacroix a Marrocos. Há movimento, drama, turbilhão, mais os personagens são reais não mitos literários.

A tela *A Liberdade Guiando o Povo* ilustra a comoção do artista com os episódios de julho de 1831, daí, embebido de um ideal de igualdade, escreve... “Se não combati pela pátria, ao menos posso pintar para ela”. (DELACROIX, 1979, p. 78). Demonstra este ideal contrastado com sua condição de aristocrata.

Figura 3: A liberdade guiando o povo (1833)⁵



O Romantismo foi um movimento difuso e não homogêneo. Teve manifestações em diferentes momentos de acordo com cada região: na França iniciou-se no ano de 1822 junto ao período de manifestações agitações em que a burguesia conquistou o poder.

Assim, só resta ao pintor representá-lo, e fê-lo com toda a ânsia, angústia e tensão que configura o romantismo, E, fê-lo com todo subsídio que este movimento ofereceu a arte.

Tal movimento surgido nas últimas décadas do século XVII teve como características uma visão de mundo contrária ao racionalismo que marcou o período Neoclássico, o romantismo introduz uma visão do

⁵ Óleo sobre tela, 260 x 325 cm. Museu do Louvre, Paris. Mais que um quadro, é um panfleto político exaltando a revolução de 1830. (...) Em carta ao irmão, Delacroix escreveu sobre o quadro: “quanto ao rancor, eu me liberto dele trabalhando. Dei inicio a um assunto moderno, uma barricada... Se não combati pela pátria, ao menos posso pintar para ela, isso me rendeu um excelente humor”.

mundo centrada no indivíduo, na subjetividade e na emoção, ele ofereceu a arte uma evolução nos sistemas de cores, de traçado, de intensificação e de exteriorização do eu. Seus elementos são de uma época revolucionária: descontentamento com o presente, apaixonada busca do inatingível, intensidade de sentimentos, fatalismo inconformado imagens tristes, melancólicas, carregadas de expressão, desejo de transmitir o inexprimível (Coleção Mestres da Pintura, p. 10.).

3.4 O belo na obra A morte de Sardanápulos (1828)

Neste âmbito, as características e o gosto pela literatura que em demasiadas vezes é colocado por Charles Baudelaire em A vida e a obra de Eugène Delacroix pode ser apontada na tela: A morte de Sardanápulos (1828). Tal obra se faz importante na trajetória de Delacroix na medida em que configura uma cena em que beleza, sensualidade, dramaticidade, sobreposição de tons marca a ruptura entre a crítica conservadora e Delacroix, pois este expõe seu lado mais "selvagem". Observe-se:

Figura 4: A morte de Sardanápulos (1828)⁶



A tela dá vida ao trágico fim do legendário rei da Assíria - Sardanapalo que foi o último governante de Nínive cidade situada entre o mar Mediterrâneo e o mar Cáspio.

⁶ Óleo sobre tela, 395 X 495 cm. Museu do Louvre, Paris. A personagem é inspirada na tragédia de Byron, publicada em 1821.

Eugène Delacroix busca inspiração na narrativa de Lord Byron⁷. Abaixo fragmento da tragédia.

Sardanapulus: Farewell!
 He's gone; and on his finger bears my signet,
 Which is to him a sceptre. He is stern
 As I am heedless and the slaves deserve
 To feel a master. What may be the danger,
 I know not: he hath found it, let him quell it.
 Must I consume my life—this little life—
 In guarding against all may make it less!
 It is not worth so much! It were to die
 Before my hour, to live in dread of death,
 Tracing revolt; suspecting all about me,
 Because they are near; and all who are remote,
 Because they are far. But if it should be so—
 If they should sweep me off from earth and empire,
 Why, what is earth or empire of the earth?
 I have loved, and lived, and multiplied my image;
 To die is no less natural than those
 Acts of this clay! 'Tis true I have not shed
 Blood as I might have done, in oceans, till
 My name became the synonyme of death—
 A terror and a trophy. But for this
 I feel no penitence; my life is love:
 If I must shed blood, it shall be by force.
 Till now, no drop from an Assyrian vein
 Hath flow'd for me, nor hath the smallest coin
 Of Nineveh's vast treasures o'er been lavish'd
 On objects which could cost her Sons a tear:
 If then they hate me, 'tis because I hate not:
 If they rebel, 'tis because I oppress not.
 Oh, men! ye must be ruled with scythes, not sceptres,
 And mow'd down like the grass, else all we reap
 Is rank abundance, and a rotten harvest
 Of discontents infecting the fair soil,
 Making a desert of fertility.—
 I'll think no more. (BYRON,2007,p.12)

Tal fragmento revela a aspereza deste governante para com seus escravos na mesma medida em que Eugène Delacroix caracteriza a indiferença de Sardanapolo a extinção de seus tesouros, por exemplo, sua amante Mirra (Anexo 1).

Retomando ao belo proposto por Charles Baudelaire, mais uma vez, a arte Eugène Delacroix expressa o âmago do romantismo e das propriedades da concepção do Poeta / crítico, através do tema, das formas, da subjetividade, da expressividade dos

⁷ George Gordon Byron, 6º Barão Byron (Londres 22/01/ 1788 a Missolonghi, 19/04/ 1824), poeta escreveu a tragédia Sardanapalo, datada de 1821.

rostos, da retratação da violência humana, da sugerida fleuma humana e ainda pelo sistema de cores que compõe a harmonia desta tela. E como se o sistema de cores instaurado por Delacroix fora característica que tanto Charles Baudelaire elogiava

3.5 O belo na obra O Mar visto da altura do Dieppe (1854)

A tela O mar visto da altura do Dieppe (1854) é a síntese da infinitude de tons que os estudos de Delacroix resultaram. “de experiência a experiência, chegou a um sistema absoluto de cor. Em lugar de simplificar por generalizações as cores locais, multiplicava até o infinito” (BAUDELAIRE, 1995, p.) A colocação sobre o uso da cor na arte de Eugene Delacroix demonstra a imagem que o pintor produzia:

Observe, por favor, que a cor geral dos quadros de Delacroix também participa da cor própria às paisagens e aos interesses orientais, e que produz uma impressão análoga a sentida nos países intertropicais, onde uma imensa difusão de luz cria para o olho sensível apesar da intensidade dos tons locais, um resultado geral quase crepuscular (BAUDELAIRE, 1993, P.205)

Figura 5: O Mar visto da Altura do Dieppe (1854)⁸



⁸ Óleo sobre tela, 35 x 51 cm. Museu do Louvre, Paris, Segundo Théodore Silvestre esta pequena tela se aproxima do estilo de Tumer. Principalmente na utilização das cores e da luz.

Ao longo desta análise demonstrou-se como a crítica de Charles Baudelaire sobre o ponto de vista da técnica de Eugène Delacroix.

De acordo com as perspectivas demonstradas nesta análise a crítica de Charles Baudelaire sobre Eugène Delacroix reside em todos os aspectos da pintura deste “ilustre pintor poeta”, Charles Baudelaire referenciava-se a ele dessa maneira, devido a captação poética que a obra de Eugène Delacroix alcança, compondo a imagem de tal forma (...), imbuída de tamanho sentimento e desmesurada magia que as palavras em seu sentido convencional carecem de ser acompanhadas por outras com intuito de representar o caráter de sua admiração pela obra dita e por seu criador.

4. CONCLUSÕES

A concepção da crítica de Charles Baudelaire foi fundamentada em conhecimento técnico, apreciação, desvelo, leitura, afinidades e laços pessoais com Delacroix. Charles Baudelaire propôs uma definição de belo e criou um conceito sobre a arte romântica, fê-lo poeticamente e de maneira profunda destacando todos os princípios relevantes para ele e Eugène Delacroix retratou a todos de forma admirável.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carl. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das letras, 1992
- BAUDELAIRE, Charles. **A Arte romântica segundo Baudelaire**. In:. Diário (extractus). Editorial Estampa. 1979.
- BAUDELAIRE, Charles. **Critique d'art suivi de critique musicale**. Paris: Gallimard, 1976.
- BAUDELAIRE, Charles. **Escritos íntimos**. 2.ed.Lisboa: Esatampa, 1994.
- BAUDELAIRE, Charles. **Obras estéticas_ filosofia da imaginação criadora**. Tradução: Edison Darci Heldt- Petrópoles, RJ: Vozes 1993
- BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e proza**: V.único. Organização Ivo Barroso –RJ:Nova Aguilar,1995
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna!** org _ Teixeira Coelho_ RJ: Paz e terra, 1996 (coleção leitura)
- COCHOFEL, João José. **Iniciação estética seguido de críticas e crônicas**. Lisboa: Caminho, 1992. 339p.
- COLEÇÃO, Genius da pintura. **Eugène Delacroix**.Abril Cultural, São Paulo. 1977
- ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004.
- D'Angelo, Paolo, **A estética do romantismo**. Tradução: Isabel Teresa Santos. Lisboa: Estampa, 1998.
- DELACROIX, Eugène. **Diário (extractus)**. Tradução de Fernando Guerreiro.Editorial Estampa. 1979.GUINSBURG, J. **O Romantismo**. 3 .ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. 323p.
- NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo: Editora Ática S.A,1989.
- SUPLEMENTO cultural JBM, **O Romantismo e a arte livre de Delacroix**. Rio de Janeiro.Publicações Científicas. V.49, N.7,p.6,jul.1985.
- SUASSUNA, Ariano. **Iniciação a Estética**. 9 .ed . RJ: José Olympio, 2008.
- WOLF, Norbert. **Romantismo**. Tradução Isabel Falcão. Lisboa.Taschem. 2008

Referência de Consulta Virtual:

Verbetes Crítica de arte. **Enciclopédia Itaú cultural.**

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3178/cr%C3%ADtica-de-arte>. Acesso em: 10/11/2014